

## > ARTIGOS

Paula Cristina Monteiro de Barros

### **“Tá imbaçado”:** uma demanda de reconhecimento e pela violência de crianças e adolescentes em situação de rua\*

Este estudo visou compreender a relação entre a violência e a demanda de reconhecimento de crianças e adolescentes em situação de rua, a partir de uma leitura psicanalítica e da prática em uma instituição (Olinda-PE). Apontamos “*tá imbaçado*” (sic) como uma resposta do sujeito que, para responder à falta de tomada na cadeia simbólica à omissão do Outro, parece não dispor de outro recurso que não o da violação, o da violência. Uma violência extrema que coexiste com uma demanda de reconhecimento, donde o espaço a se oferecer um olhar que convoque o sujeito a um lugar que não o da destrutividade e do “embaçamento”.

> Palavras-chave: Violência, demanda de reconhecimento, olhar, crianças e adolescentes em situação de rua

*(“It’s blurry.” A demand for recognition in and through violence among children and teenagers living on the streets)*

*This study discusses the relationship between violence and the demand for recognition by children and teenagers living on the streets. A psychoanalytic perspective is used for a case based on experiences at an institution in the city of Olinda, Brazil. The expression “it’s blurry,” used by these subjects is seen as a reply they make to the lack in the symbolic chain, namely, the omission of the Other. It would seem that that they have no other possible course of action but rape and violence. In them, extreme violence coexists with a plea for recognition, in a space where there is no other gaze to summon the subject to a place other than one of destructiveness and blur.*

> *Key words: Violence, demand of recognition, gaze, children and teenagers living on the street*

\* > Este trabalho foi elaborado a partir da monografia para conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem (CPPL-PE), em parceria com a Universidade de Campinas (Unicamp-SP), em 2006.

## INTRODUÇÃO

O interesse por se pensar as crianças e os adolescentes em situação de rua advém tanto da mobilização frente a uma realidade social que impacta, como das inquietações suscitadas pela experiência, desde julho de 2004, numa instituição que atende a esse público, em Olinda (PE). Um interesse despertado pela tragicidade, violência e dispositivos de sobrevivência; pela excentricidade e fascínio no manejo das situações; e, ainda, pelo extremismo das atuações – que vagueiam de um pólo a outro, entre o ódio e uma demanda de reconhecimento.

Nosso objetivo foi, então, compreender a relação entre a violência e a demanda de reconhecimento das crianças e adolescentes em situação de rua. Para tanto, recorreremos a concepções teóricas da psicanálise, no intuito de promover uma interface entre os seus preceitos e as questões suscitadas na prática clínica e institucional com o público apontado.

Pensar a questão de crianças e adolescentes em situação de rua implica pensar sujeitos perpassados por uma extrema violação dos direitos humanos, apontando para a necessidade de se articular aspectos que se entremeiam nessa trama social, constituindo o fenômeno "meninos de rua". De acordo com Enriquez (1999), "... o mais íntimo do ser humano nos leva ao mais essencial do social, que os problemas mais fundamentais da sociedade se

inscrevem no corpo e no psiquismo..." (p. 24). Essa noção é corroborada por Melman (2000), segundo o qual "Não há subjetividade que se organize fora do laço social, posto que os discursos não são senão o fato de ser a subjetividade articulada no laço social ao mesmo tempo em que ela o articula" (p. 42).

Dentre esses aspectos que perpassam o laço social, um recorte fez-se necessário neste estudo, no sentido de se buscar uma compreensão clínica para os dispositivos dos quais essas crianças e adolescentes se utilizam para se fazerem reconhecidos enquanto sujeitos do desejo.

A discussão sobre o lugar que ocupa a violência na subjetividade desses sujeitos foi norteadada por um termo específico, "tá imbaçado", o qual intitulou o atual trabalho: "Tá imbaçado": uma demanda de reconhecimento na e pela violência de crianças e adolescentes em situação de rua.

## "TÁ IMBAÇADO": A VIOLÊNCIA...

A violência mostra-se refletida desde a forma de denominá-los – são "meninos de rua". Não são tomados como crianças ou adolescentes, meninas ou meninos; são, simplesmente, "meninos de rua", seres destituídos e assexuados, que, em sua maioria, buscam na rua uma saída para a miséria, para a carência de afeto, para a negligência e para a violência experienciadas em casa.

Refletindo sobre a realidade das "crianças evacuadas" em tempos de guerra, Winnicott (2005) questiona: "... o que dizer da criança que de repente foi desenraizada, aparentemente posta para fora de seu próprio lar e jogada entre estranhos?" (p. 43). Como pensar a representação que adquirem os termos "casa" e "rua" depois de seu abandono e de sua "escolha", respectivamente? Por que escolher a rua, fazer dela, que é um lugar de todos, mas um lugar de ninguém, a sua morada?

*"Na rua, eu me sinto mais protegido";*  
*"Na rua, eu me sinto mais aliviado";*  
*"Minha casa é a rua";* *"Eu vou pra onde? Você pensa que eu gosto de ficar na rua? Eu não tenho pra onde ir"* (sic). No movimento de busca da rua, face ao imperativo e ao fascínio que ela representa, deparamo-nos com uma transposição do público sobre o privado, acarretando uma desorganização, que destitui o sujeito de seu lugar.

Arendt (apud Ferreira, 2001, p. 25) fala da casa, da vida familiar, enquanto condição de proteção ao desenvolvimento da criança, que tem no retorno cotidiano de seus pais à casa uma constância, um sentimento de estabilidade, que serve de escudo protetor contra o mundo e seu espaço público, delimitando as fronteiras entre o interno e o externo, o eu e o não-eu. A casa confere, então, unidade ao ser, contorno, proteção, remetendo à idéia de pertencimento, de acolhi-

mento. Poder-se-ia, nesse sentido, fazer uma analogia entre a casa, em sua representação simbólica, e o corpo, enquanto unidade narcísica, que delimita e dá continência às pulsões auto-eróticas?

O corpo constitui-se como elemento de estruturação psíquica, primeira referência para a criança de um espaço privado que deve ser investido narcisicamente por si mesmo e pelo outro, dando sustentação ao ser.

Pensar a ausência dessa "fronteira psíquica" remete a um ser fragmentado, composto por partes que não compõem uma unidade, não havendo uma distinção entre o eu e o não-eu, entre o sujeito e o mundo externo. Igualmente, pensar o sujeito sem casa, ou um sujeito para o qual a casa perdeu sua referência, permite pensar um sujeito lançado às manifestações fragmentadas, sem a unidade que as fronteiras da casa poderiam lhe garantir.

Ferreira (2001) considera a busca pela rua decorrência da falta de um lugar simbólico que confira reconhecimento ao ser. "Uma escassez da oferta de significantes que permita pensar no lugar que o sujeito ocupa na estrutura familiar" (p. 34). Convém questionar se a busca pela rua não estaria também se configurando como uma tentativa de escapar ao anonimato; e, em sendo assim, a busca pela rua surge como o recurso disponível para escapar ao lugar de não reconhecimento no seio familiar.

No texto "Romances familiares" (1909), Freud considera que, gradativamente, diante do fracasso dos pais, a criança passa a pôr em dúvida as outrora incontestáveis atribuições quanto à magnitude e ao amor soberano dos mesmos.

O sentimento de estar sendo negligenciado constitui obviamente o cerne de tais pretextos, pois existe sem dúvida um grande número de ocasiões em que a criança é negligenciada, ou pelo menos *sente* que é negligenciada, ou que não está recebendo todo o amor dos pais, e principalmente em que lamenta ter de compartilhar esse amor com seus irmãos e irmãs. (p. 219)

O *romance familiar* surge como uma construção da criança, cujo desenvolvimento das fantasias e a possibilidade de retaliação por meio destas dependerá do material à disposição da mesma. Qual é a especificidade do romance familiar destas crianças e destes adolescentes, que põem em ato o libertar-se dos pais, o que, em outras ocasiões, como no caso do neurótico, sustentar-se-ia a nível da fantasia? A partir da realidade vivenciada, convém questionar que saída pode o sujeito encontrar para lidar com os conflitos provenientes do âmbito familiar.

Em geral, trata-se de famílias desorganizadas, vítimas de todas as formas de violência, marcadas por um real avassalador, que denuncia a miséria e, sobretudo, a carência na provisão libidinal. Famílias numerosas, cujos

membros convivem num único vão, no qual tudo é forçosamente pactuado, das agressões físicas e verbais à vida sexual do casal parental. O grupo familiar gira em torno da mãe, tomada por uma apatia, envelhecida pela miséria e pela violência que repete com seus filhos. Na maioria das vezes o pai biológico não está presente e o padrasto é constantemente apontado como autor de espancamentos.

Em "Uma criança é espancada" (1919), Freud destaca que no desenvolvimento da fantasia de que "uma criança é espancada" – fantasia carregada pela vergonha e pelo sentimento de culpa no tratamento analítico – "depressa se aprende que ser espancado, mesmo que não doa muito, significa uma privação de amor e uma humilhação" (p. 202). Relata que

... a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas também seriam apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer, deixadas pelo processo que terminou... (p. 208)

No caso de crianças de fato vitimizadas, deparamo-nos com o espancamento real, denunciando situações que são da ordem do indizível, do que é impossível simbolizar, e, desse modo, são cravadas no corpo violentamente.

Pensamos, então, que no caso dos adolescentes em situação de rua, faltam-lhes recursos para elaborar simbolicamente as situações, já que as

dimensões traumáticas não são vividas na fantasia, mas concretamente. A negligência, de fato, existe, a incerteza quanto à paternidade é legitimada e os pais fracassam constantemente, de modo que a libertação deles dá-se precocemente e a retaliação é dirigida, no real, à sociedade, no ambiente da rua.

Passar a viver na rua configura-se como um processo progressivo, tendo em vista o movimento das idas e vindas da criança da casa para a rua e vice-versa. A permanência na rua torna-se mais longa, e as crianças e adolescentes costumam desaparecer de suas casas.

Esse processo faz-nos pensar a brincadeira descrita por Freud do *fort-da*, no texto "Além do princípio do prazer" (1920). Trata-se de um jogo de desaparecimento e retorno de um objeto, que surge como uma forma que a criança encontra de lidar com a ausência da mãe, começando a desaparecer a si própria. Através do *fort-da*, a criança passa de uma posição *passiva* para um papel *ativo*, por meio do qual repete a experiência, por mais desagradável e aflitiva que possa ser.

Faz-se possível essa articulação, na medida em que a criança e o adolescente em situação de rua parecem adotar o mesmo movimento, só que o fazem provocando o desaparecimento de si próprio do âmbito familiar, colocando a mãe, que geralmente ocupa um lugar de "passividade" no cuidado

dos filhos, numa posição ativa de buscá-los e oferecer-lhes o reconhecimento de que necessitam; movimento esse que se repete até, às vezes, perder o sentido, afinal, o lugar de seu retorno parece não mais existir.

A rua é referida como um lugar em que tudo é possível, lugar de liberdade, em que o uso da cola – principal substância psicoativa usada por essas crianças e esses adolescentes – se faz possível, mas também lugar de violência, de frio, de desamparo, de barulho, de sujeira... lugar de desorganização psíquica. Na rua, vê-se a violência enxada num movimento circular em que as crianças e os adolescentes ora são vítimas, ora são autores de atos delituosos. São violentos com os transeuntes, com os companheiros dos bandos, com o próprio corpo no qual carregam inscrições traumáticas; foram violentados em casa e o são também, por policiais, por pedestres, pela indiferença e invisibilidade que parecem provocar...

O bando passa a se constituir como uma solução para a solidão e o desamparo, oferecendo um engodo de pertencimento e de aceitação do sujeito. Na convivência do bando, sexo e violência coexistem num contexto em que o abuso é inerente ao código da rua. A linguagem adotada, com vocábulos próprios, marca o território, ao qual se pode ou não ter acesso, e designa um código particular que favorece o estabelecimento de relações e

mecanismos de identificação grupais. Dentre esses termos, um se sobressaiu pelo forte sentido que parecia ostentar naquela ocasião, em que um adolescente, num momento de intensa destrutividade, falou: "*Tá imbaçado*" (sic). Logo percebemos que o termo fazia parte do vocabulário comum dos adolescentes, e passou a ter outros desdobramentos. Numa outra ocasião, em que um outro adolescente encontrava-se num momento também de destrutividade, falou "*Vê se me desimbaça!*", o que soou como um pedido de que alguém pudesse nomear e dar sentido para tanta descarga e fragmentação, no sentido de algo que viesse amenizar o estado de "embaçamento" em que se encontrava.

Na língua portuguesa, o termo *embaçado* vem do verbo *embaçar*, que consiste em: "Tornar baço; empanar, ofuscar; tirar o prestígio a; burlar, enganar; perder a fala; enganar-se, iludir-se". No contexto em que é empregado pelos adolescentes, pensamos que o "*tá imbaçado*" aponta para o ofuscamento, para algo que dificulta a visão, que encobre, oculta, que deslumbra, que impede de ver ou de ser visto.

Passamos, então, a nos indagar sobre o que está tão embaçado para esses adolescentes. Como pensar o "*tá imbaçado*", se, por um lado, ao estarem em casa, ao terem que dividir o mesmo espaço com os irmãos e os pais, deparam-se concretamente com tudo

o que é vivido, ou seja, tudo no âmbito familiar é dado a ver de uma forma desmedida; e, por outro, quando na rua, aguçam a visão no sentido de perceber possibilidades e situações de perigo? Crianças e adolescentes que vêem demais, que parecem ter ampliado o campo visual, mas algo lhes escapa, algo que lhes seria de mais essencial na visão, no olhar, vivendo, em contrapartida, da alternância entre o esconder-se, o manter-se no anonimato, e o mostrar-se escancaradamente, numa circularidade em que a violência apresenta-se soberana, face à invisibilidade que os toma.

Um estudo sobre o olhar fez-se, então, necessário.

### ... EM MEIO À INVISIBILIDADE ...

Lacan, no texto "A esquizo do olho e do olhar" (1985), destaca que não se trata apenas do olho do sujeito em si, mas de toda a sua espera, seu movimento, sua tomada, sua presença constitutiva; o olhar do Outro como a sustentação psíquica necessária para que o sujeito possa emergir enquanto sujeito do desejo. A relação que se estabelece com o Outro, permeada pelo olhar e pelo desejo viabiliza o estabelecimento do circuito pulsional, a libidinização de um corpo ainda fragmentado, precipitando-o numa unidade narcísica.

Essa apreensão do sujeito enquanto unidade remete ao *Estádio do espelho*, que consiste na aquisição progressiva

da imagem corporal, de uma precipitação de uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de totalidade que Lacan chama ortopédica (1998). A partir dessa apreensão, vê-se uma passagem do eu especular para o eu social, ligando o sujeito, conforme aponta Lacan (1998), a situações socialmente elaboradas, "... momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a mediatização pelo desejo do outro..." (p. 101), o que é perpassado por uma intermediação cultural, possível a partir do reconhecimento de um elemento terceiro, o Nome-do-Pai.

A imagem fálica traz em si um fascínio que suscita no sujeito o gozo que ela recobre; fascínio que ostenta as falhas da visão, emergindo o olhar. Se a visão é fundamentalmente do campo do imaginário, o olhar surge dessa fascinação, de uma luz exterior que impede o sujeito de ver, a partir do qual se manifesta a pulsão a nível do campo escópico.

Em "A pulsão e suas vicissitudes" (1915), Freud destaca a pulsão escópica no par de opostos escopofilia-exibicionismo, que estabelece o circuito pulsional na alternância e ambivalência entre a finalidade ativa *olhar* e a finalidade passiva *ser olhado*. Lacan (apud Nasio, 1995, p. 60) define a pulsão escópica a partir de um único tempo verbal, o fazer-se olhar. O fecho do circuito pulsional faz emergir o sujeito escópico inconsciente, como o

feito da experiência do ato de olhar, constituindo o "circuito do desejo" (p. 63).

O olhar em psicanálise não é um olhar do sujeito, mas um olhar que incide sobre o sujeito, um olhar pulsional, que o constitui enquanto sujeito submetido à castração, sujeito do desejo, que se coloca, permanentemente, na posição de fazer-se olhar pelo Outro. O que está *imbaçado*, afinal? O olho, o olhar, a visão do sujeito, ou o próprio sujeito no olhar daquele que o olha? Parece-nos que o sujeito que não é tomado enquanto objeto do olhar, que "fracassa" no *fazer-se olhar*, igualmente não poderá fazê-lo, sendo acometido, desse modo, por um olhar embaçado, um olhar que demanda e pede reconhecimento.

A partir da fala de Quinet (2004) de que "não temos necessidade de ver e sim desejo de olhar. Um olhar não se pede – ele comparece ou não" (p. 69), poderíamos dizer que, na realidade enfrentada pelas crianças e adolescentes em situação de rua, o olhar, muitas vezes, parece não ter comparecido; daí ficar-se ainda na necessidade de poder apreender-se enquanto unidade narcísica, o que nos remete às vivências catastróficas que marcam a vida desses sujeitos de forma tão fragmentada e esvaída, delineando um circuito pulsional sem nada que venha barrar sua manifestação. Uma circularidade pulsional de difícil ruptura.

### ... COMO TENTATIVA DE FISGAR O OLHAR DO OUTRO

"Se me ameaçam, eu tenho que matar, porque um vai ter que morrer"; "Já matei um com uma pedrada. Estrupei uma menina de 5 anos. Mas também, uma vez, no Treze de Maio [parque no centro das cidade do Recife], veio três caras, me bateram e me comeram por trás"; "Eu robo mesmo, pode ser quem for, não quero nem saber"... (sic). Uma violência sofrida e uma violência praticada, configurando o processo circular ao qual nos referimos anteriormente.

Em *Privação e delinquência*, Winnicott (2005) destaca que a criança com tendência anti-social recorre à sociedade, compelindo-a a se encarregar de cuidar dela. Através do ato, o adolescente pode estar demandando, segundo Winnicott, a intervenção da autoridade paterna que pode barrar o seu comportamento impulsivo e a atuação das idéias que lhe ocorrem quando está excitada, visando à integração da personalidade.

Para Melman (2000), a "conduta delinqüente" (p. 42) denuncia a falta de tomada pela ordem simbólica, que

... põe em causa a função do Nome-do-Pai, isto é, a relação deste sujeito com o Nome-do-Pai, sem que este esteja negado ou forcluído, mas em relação ao qual o sujeito encontra-se forcluído, quer dizer, encontra-se em uma posição onde não pode ser reconhecido por ele, portanto não pode valer-se de sua filiação, de sua autoridade. (p. 45)

Para responder a essa falta de tomada na cadeia simbólica, à omissão do Outro, parece não restar outro recurso ao sujeito que não o do rapto, o da apreensão violenta e o da violação.

Referindo-se a Lacan em seu texto sobre a criminologia, Melman (2000) destaca que

... o ato delinqüente não é o feito de um sujeito (...) mas se executa em um estado crepuscular, com uma sorte de obnubilação da consciência (...) o ato terá sido apenas parcial, o que vai levá-lo inelutavelmente a recomeçar, porém aumentando o lance, logo, o risco. (p. 44)

Entendemos que essa sorte de obnubilação pode ser utilizada para uma melhor compreensão de nossa posição no que tange ao "tá imbaçado", na medida em que a obnubilação é definida como um deslumbramento ou trevas, apontando para algo que é obscurecido, sentido esse que adotamos para a compreensão do termo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o percurso que traçamos, percebemos que as crianças e os adolescentes em situação de rua apresentam-se engolfados numa circularidade perversa, uma circularidade de destrutividade, de si e dos outros.

Sujeitos para os quais a violência apresenta-se como a única saída para poderem existir, na lei enlouquecida que a rua impõe. É nesse sentido que pensamos o "Tá imbaçado", como uma

"denúncia" daquilo que não lhe é dado ver, para além da violência. Por outro lado, ficar na pura constatação da miséria, da carência material, e sobretudo afetiva, significa, de fato, entregar-se a um gozo mortífero, de modo que a violência é tomada sim como única forma de responder e/ou de provocar as situações, de demandar o que não foi oferecido. A violência como uma forma de apresentar-se na realidade em que se encontra, provocando um olhar, em meio à invisibilidade, que, se não de reconhecimento enquanto sujeito da alteridade, que o seja enquanto aquele que ostenta um sofrimento que nos choca e que é capaz de infligi-lo aos outros sem muito pesar. É, entretanto, nas brechas desse movimento que nos deparamos com o "*Vê se me desimbaça*", uma fala que emerge como que da ordem de um apelo, de poder visualizar outras possibilidades que não apenas a violência, uma fala que emerge como uma demanda. Uma demanda que, em meio às questões que se interpõem, a um pacto social drasticamente rompido, que lança esses sujeitos a um lugar de não reconhecimento, aponta para um movimento de outra ordem, um movimento de vida, permitindo pensar a possibilidade de se reconstruir a partir de algo que se descortinou.

"*Vê se me desimbaça*", portanto, tem uma ressonância importante em nos-

sa intervenção, pois corrobora a possibilidade de uma aposta, condição indispensável para que um trabalho dessa ordem se dê, o que nos remete à contínua discussão do que o movimento das crianças e adolescentes em situação de rua nos provoca, em que posição devemos nos situar e, sobretudo, qual a ética que devemos sustentar diante dos mesmos.

Reafirmamos a posição de oferecer um olhar que barre essa circularidade em que a violência se apresenta tão soberana, nomeando-a e significando-a, o que permite ao sujeito, acreditamos, em percebendo que um olhar lhe é endereçado de um outro lugar que não o de estarecimento frente à violência que provoca, situar-se, igualmente, numa outra posição. Um olhar que permite ao sujeito, num processo muito gradativo de idas e vindas, é verdade, falar sobre, implicar-se e criar sentido para o que vive.

"*Eu faço esse desenho e dou a quem passa na rua. Quando olho pra trás, eles jogam na lata de lixo; mas eu vou continuar fazendo porque um dia, alguém não vai jogar fora*" (sic). Uma violência, pois, extremada que coexiste com uma demanda de reconhecimento, donde o espaço a se oferecer uma escuta que ponha em ato também o desejo, o acesso a um espaço de alteridade, que convoque o sujeito a um outro lugar, que não o da violência, que não o do embaçamento.

### Agradecimentos

À equipe do CPPL, em especial, Antônio Ricardo, meu orientador, pela seriedade, pelo profissionalismo e pela sutileza na leitura de meu texto. Agradecimentos também aos professores da Unicamp (Eloísa Helena e Mário Eduardo Costa Pereira) e à equipe de trabalho do Centro de Referência para Infância e Adolescência (Olinda, PE).

### REFERÊNCIAS

- ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado*. Psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- FERREIRA, A.B. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d.
- FERREIRA, T. *Os meninos e a rua*. Uma interpelação à psicanálise. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FREUD, S. (1909). Romances familiares. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. IX.
- \_\_\_\_\_. (1915). A pulsão e suas vicissitudes. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psico-*

*lógicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV.

\_\_\_\_\_. (1919). Uma criança é espancada. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVII.

\_\_\_\_\_. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII.

LACAN, J. A esquizo do olho e do olhar. In: *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MELMAN, C. *Alcoolismo, delinquência, toxicomania*. Uma outra forma de gozar. São Paulo: Escuta, 2000.

NASIO, J.-D. *O olhar em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

QUINET, A. *Um olhar a mais*. Ver e ser visto na psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

WINNICOTT, D.W. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Artigo recebido em abril de 2007

Aprovado para publicação em julho de 2008

### PAULA CRISTINA MONTEIRO DE BARROS

Curso de Especialização pelo Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem – CPPL (Recife, PE, Brasil), em parceria com a Universidade de Campinas – Unicamp (Campinas, SP, Brasil); mestrandia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP (Recife, PE, Brasil); bolsista da CAPES.

Rua Dom Sebastião Leme, 171/2201 – Graças

52011-160 Recife, PE, Brasil

e-mail: paulacmbarros@uol.com.br